

# EX TROPICIS



INFORMAÇÕES AMBIENTAIS

## Calendário da Natureza

Outubro

Texto de Liana John

Em outubro, as chuvas se firmam e a abundância predomina nas matas úmidas, cerrados, cerradões e campos do Centro-Sul e em toda a Amazônia. A natureza se recupera, o verde se intensifica, flores e frutos crescem em toda a parte.

As nuvens altas, que desenham linhas brancas de gelo e frio nos céus azuis de inverno -- chamadas cirros -- são substituídas pelas nuvens densas e pesadas, baixas, verdadeiros "edifícios" de algodão -- chamadas cúmulo-nimbos. As primeiras surgem sempre na frente de massas polares, anunciando o frio. As segundas encerram as tempestades de verão.

Em quase todo o país apagam-se os traços do cinza seco da estiagem. No lugar das negras marcas de queimadas e incêndio brota um verde novo. A exceção é o Nordeste, onde a estação ainda é a da tristeza, do recolhimento, onde os animais se escondem do calor abafado e do sol a pino, de rachar o chão.

Na caatinga, os pássaros capazes de migrar já se foram e os que ficaram disputam a água escassa das cacimbas. Parceiro da falta de alimento, o homem também partilha das cacimbas e aproveita das altas concentrações de animais em torno da água para caçar.

Entre os arbustos secos, já sem folhas, as palmeiras e cactus desempenham o papel principal na sobrevivência do sertão. No Ceará, Piauí e Maranhão tem início neste mês o corte da palha da carnaúba (*Coopernicia Prunifera*) para retirada da cera. A carnaúba é uma das palmeiras nativas brasileiras mais nobres, da qual se aproveita praticamente tudo: as raízes são medicinais e podem substituir o sal de cozinha, o tronco serve para construções; as folhas, depois de retirada a cera, são usadas em artesanato e os frutos são comestíveis e servem como ração de porcos, bois e cabras. Na exploração da carnaúba, o homem nordestino, mais uma vez, compete com a fauna silvestre: com os papagaios e maritacas, lá no alto, e os roedores, cá no chão, em visitas noturnas.

A imagem oposta do Nordeste, neste mês, é a da Amazônia. O outubro amazônico é carregado de frutos típicos: mangaba, ingá, araçá-boi, bacuri e cupuaçu. Tem início a colheita para fabricação de doces e sorvetes. Mas ainda sobra muito para as aves e mamíferos, que ao contrário do homem, retribuem o alimento à flora, dispersando as sementes que farão a mata do futuro.

Outra árvore que põe em outubro seus disputados frutos é a embaúba (*Cecropia spp*). Planta pioneira, é sempre uma das primeiras a nascer em clareiras abertas na mata e capoeiras, graças à enorme dispersão das sementes, executada pelos pássaros e mamíferos. É a embaúba que garante a sombra necessária ao crescimento das espécies mais nobres, de madeira de lei, quando uma mata secundária começa a se recuperar.

A embaúba tem ainda um aspecto curioso: por ter caule e galhos ocos, costuma abrigar uma espécie de formiga (*Asteca 50*) em seu interior. A formiga se alimenta de uma secreção doce que a embaúba possui. Retribui a casa e a comida, defendendo a árvore. São as formigas que derrubam sementes de plantas parasitas, trazidas pelos passáros, que se aventurem a germinar no tronco da embaúba. As formigas também não hesitam em cair sobre intrusos -- e isso inclui o homem -- que se aproximem demais de suas protetoras.

Aproveitando a frutificação das embaúbas, que muito apreciam, as preguiças tendem a concentrar sua reprodução por esta época. Elas habitam as copas das árvores, sobretudo em florestas secundárias ou infestadas de jitiranas, onde se alimentam de folhas novas e frutos de plantas pioneiras, com uma certa preferência pelas embaúbas. Cada preguiça tem apenas um filhote por vez e o mantém agarrado a si durante seis a nove meses.

Para proteger-se, e ao filhote, contra suas maiores predadoras, as grandes águias, a preguiça tem uma boa estratégia de camuflagem: seu pelo é cheio de ranhuras, onde se desenvolvem pequenas algas simbióticas, que lhe conferem uma cor esverdeada. Aliando a cor a movimentos muitos lentos, a preguiça fica difícil de visualizar. Para suportar a chuva e as altas temperaturas, pendurada de cabeça para baixo e imóvel, a preguiça tem o pelo ao contrário da maioria dos animais: grosso e farto no ventre e ralo nas costas.

Já no Centro-Sul é grande a atividade dos pássaros. Por todas as matas se ouvem cantos de acasalamento e, reparando bem, se descobrem os ninhos disfarçados na vegetação. Com ovos ou filhotinhos, se espalham por toda a região os ninhos do coleirinha (*Sporophila caerulea*), do colorido tico-tico-da-mata (*Arremon flayeola*) e sabiá-laranjeira (*Turdus rufiventris*), entre outros.

Os pássaros pequenos são bastante influenciados, além do calor e abundância de alimentos, pelo fotoperiodismo, isto é pelo número de horas de luz de cada dia. Assim que os dias começam a ficar mais longos, a produção de hormônios se acelera e tem lugar os rituais de acasalamento e ninficação.

Nesta época também muda a dieta preferencial dessas aves, porque muda a oferta de alimentos na natureza e porque os filhotes precisam ser alimentados com mais proteínas na primeira fase da vida. Assim, embora prefiram frutas e grãos, neste mês esses pássaros aumentam o consumo de insetos, que levam já "mastigados" para os filhotes.

No Pantanal, acompanhando a exuberância da primavera, acontece o espetáculo da piracema. Peixes adultos -- dourados, piaus, jaús, pacus, pintados -- sobem os rios contra a correnteza para ir desovar nas cabeceiras, onde eles nasceram. O esforço de nadar contra as águas ajuda a amadurecer os hormônios e assegura a reprodução. A pesca agora é proibida, embora o grande predador -- o homem -- insista clandestinamente em depredar o próprio futuro, capturando fêmeas ovadas e machos maduros.

Nas casas de sítios, nos riachos e terrenos pedregosos, outubro também é tempo de reprodução das pererecas, lagartixas e pequenos lagartos. Muitas vezes combatidos pelo seu aspecto, esses pequenos vertebrados, na verdade, são aliados do homem, caçadores incansáveis de mosquitos e pragas.

As pererecas são as rainhas da criatividade, na sua maneira de esconder os ovos. Algumas, habitantes das árvores de beira de rio, põem seus ovos nas folhas, e selam o "ninho" com uma cola, que segura a folha enrolada até que os girinos tenham nascido e, então, escorreguem para a água, logo abaixo do ninho.

Outras preferem se amar na lama, como o sapo-ferreiro, que apesar do nome não é sapo, é perereca (*Hyla faber*). Os machos fazem cuidadosamente uma cama redonda, ajeitando o barro com a barriga e as patas e sentam dentro, martelando seu canto para atrair a fêmea, que vai depositar seus ovos nesse ninho. Depois a dama vai embora e o macho vigia os ovos até a eclosão da prole.

Carregadas de frutos, por todo o país, as essências mais frequentadas por pássaros e pequenos mamíferos, agora, são a boleira (*Joanesia princeps*), a cerejeira (*Amburana cearensis*), o jenipapo (*Genipa americana*), o jambolão (*Eugenia jambolaha*), a nespereira (*Eriobotrya japonica*) e o tamarindo (*Tamarindus indico*). Todas elas (originárias da Ásia ou nativas) estão também presentes nas mesas do interior, como doces ou sorvetes, ou nos sucos servidos nas varandas do entardecer.